## UNIVERSIDADE DE COIMBRA FACULDADE DE LETRAS

## FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

116

INSCRIÇÕES 496-500



FICHEIRO EPIGRÁFICO é um suplemento da revista CONIMBRIGA, destinado a divulgar inscrições romanas inéditas de toda a Península Ibérica, que começou a publicar-se em 1982.

Dos fascículos 1 a 66, inclusive, fez-se um CD-ROM, no âmbito do Projecto de Culture 2000 intitulado VBI ERAT LVPA, com a colaboração da Universidade de Alcalá de Henares. A partir do fascículo 65, os volumes estão disponíveis no endereço http://www.uc.pt/fluc/iarq/documentos index/ficheiro.

Publica-se em fascículos de 16 páginas, cuja periodicidade depende da frequência com que forem recebidos os textos. As inscrições são numeradas de forma contínua, de modo a facilitar a preparação de índices, que são publicados no termo de cada série de dez fascículos.

Cada «ficha» deverá conter indicação, o mais pormenorizada possível, das condições do achado e do actual paradeiro da peça. Far-se-á uma descrição completa do monumento, a leitura interpretada da inscrição e o respectivo comentário paleográfico. Será bem-vindo um comentário de integração histórico-onomástica, ainda que breve.

Toda a colaboração deve ser dirigida a:

#### Instituto de Arqueologia

Secção de Arqueologia | Departamento de História, Estudos Europeus, Arqueologia e Artes Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra Palácio de Sub-Ripas

P-3000-395 COIMBRA

A publicação deste fascículo só foi possível graças ao patrocínio de:



### 496-500

# CINCO ESTELAS FUNERÁRIAS DO CHÃO DA CAPELA (JUNQUEIRA, ADEGANHA, TORRE DE MONCORVO)

Cinco estelas funerárias, oriundas do sítio arqueológico de Chão da Capela,¹ foram identificadas, em Outubro de 2002, pelo signatário, no quadro do acompanhamento arqueológico da implantação do sistema de rega do Vale da Vilariça (Bloco Norte). A primeira referência a este sítio, descoberto por Nelson Rebanda e a equipa do PARM, deve-se a Francisco Sande Lemos, que o classifica como casal agrícola ou *mutatio* do eixo viário que ligava o Vale do Douro com a via XVII.² Mais recentemente, Carlos Cruz assumiu que o sítio corresponderia a uma mancha de dispersão de materiais com cerca de 30 ha³ e, por este motivo, identificou-o como sendo a capital da *civitas* dos Banienses (*ibidem*, p. 420).

<sup>&</sup>lt;sup>1</sup> Coordenadas UTM fuso 29, Elipsóide internacional, *Datum* Europeu 1950: x = 660476; y = 4571186; z = 150, CMP 118.

<sup>&</sup>lt;sup>2</sup> Lemos (Francisco Sande), *Povoamento Romano de Trás-os-Montes Oriental*, tese de doutoramento, inédita, apresentada na Universidade do Minho, Braga, 1993, volume IIa – Catálogo, p. 330.

<sup>&</sup>lt;sup>3</sup> Cruz, Carlos Manuel Simões, *A Paisagem e o Povoamento na Longa Duração. O Nordeste Transmontano – Terra Quente*, Dissertação de Mestrado em Arqueologia da Paisagem apresentada ao Departamento de História do Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho, policopiada, 2000, p. 222.

No quadro dos trabalhos acima referidos, AJMS prospectou o local num momento em que o terreno tinha sido lavrado recentemente e verificou que a vasta mancha de materiais assinalada por Cruz era constituída na realidade por três manchas de dispersão de materiais bem individualizadas:

1

#### a – Freixo

- **b** Freixo. Adeganha. Torre de Moncorvo.
- c x=660515, y=4571449, z=150, CMP 118.
- **d** Romano. Aglomerado rural (?).
- e O sítio encontra-se na margem esquerda da ribeira da Vilariça numa plataforma intermédia entre o fundo aluvionar do vale e as elevações bastante abruptas que o delimitam para nascente, acima da cota máxima de cheia da ribeira. A mancha de dispersão de materiais parece corresponder a um olival, sendo o substrato de natureza granítica.
- **f** Vasta mancha de dispersão de materiais (cerca de 30 400 m²), exclusivamente de cronologia romana (materiais cerâmicos de construção, silhares e alvenaria, T. S. H., cerâmica comum).
- g Sande Lemos (1993: 331) refere a existência deste sítio, sem o localizar e sem o descrever de forma precisa, uma vez que a sua descoberta lhe foi comunicada pela equipa do PARM e não teve oportunidade de o visitar.
- i LEMOS, 1993, p. 331.

2

#### a – Chão da Capela

- **b** Prado/Chão da Capela. Adeganha. Torre de Moncorvo.
- c x=660476, v=4571186, z=150. CMP 118.
- **d** Romano. Necrópole? Alta Idade Média: necrópole e santuário.
- e Este sítio encontra-se na margem esquerda da ribeira da Vilariça, numa plataforma intermédia entre o fundo aluvionar do vale e as elevações bastante abruptas que o delimitam para nascente, acima da cota máxima de cheia da ribeira. A mancha de dispersão de materiais parece sobrepor-se a um limite de propriedade entre duas parcelas: uma vinha, a sul, onde foi aberta a vala da conduta

C24, e um terreno agrícola que margina esta vinha para norte e para nascente. Imediatamente junto à vinha, foi aberto um grande charco com cerca de 4 m de profundidade; as terras provenientes desta escavação foram deixadas à sua volta. A observação dos cortes do charco e da vala permitiu verificar que os solos têm cerca de 1/1,5 m de potência estratigráfica e assentam sobre o substrato granítico.

f – O sítio apresentava uma pequena mancha de dispersão de materiais à superfície (materiais de construção romanos, ocupando cerca de 1800 m<sup>2</sup>). Nos montes de terras que circundam a mina de água, localizada imediatamente a norte, observaram-se silhares e alguns elementos arquitectónicos, entre os quais se encontrava uma possível estela anepígrafa, de topo convexo, e uma estela funerária, aqui apresentada como inscrição n.º 1, actualmente depositada no Museu do Ferro e da Região de Moncorvo, em Torre de Moncorvo. Uma possível epígrafe poderá ter sido reaproveitada na construção de um muro de contenção de terras, que delimita a mina para poente. A abertura da vala do ramal C24 do sistema de rega em análise proporcionou a recolha de vários elementos arquitectónicos, entre os quais uma base de coluna e um silhar almofadado, actualmente depositados também no referido museu. No corte, observou-se parte de um crânio humano, pousado sobre uma laje em xisto. A peneiração das terras resultantes da escavação da vala proporcionou a recolha de numerosos fragmentos de cerâmica de construção romana, bem como de numerosos fragmentos de ossos humanos referentes a, pelo menos, dois adultos e um bebé.

g – As coordenadas apresentadas por Sande Lemos (1993: 330) para o sítio do Chão da Capela parecem corresponder àquelas do sítio em análise. O autor classifica-o como casal agrícola ou *mutatio*. Nélson Rebanda, da equipa do PARM, defende que as três epígrafes funerárias do Museu de Vila Flor provêm do Chão da Capela, enquanto que Sande Lemos sustenta que sejam provenientes de Cevadeiras (*ibidem:* 333).

h – Segundo o proprietário da vinha (Sr. Alberto Herculano), o terreno foi surribado no momento da sua plantação, sem se verificar qualquer tipo de achado. De acordo, porém, com a informação recolhida junto de um habitante da Junqueira, que escavou a mina de água acima referida, várias inscrições, algumas lajes de xisto com uma cruz incisa no centro e numerosas ossadas foram

postas a descoberto nessa altura. As inscrições mais bem conservadas foram dadas a um indivíduo residente no Alentejo. As restantes, em número de quatro (aqui apresentadas com os nos 2 a 5) foram depositadas no adro da igreja da Junqueira, onde ainda se encontram actualmente.

i – LEMOS, 1993, p. 330 e 333.

3

a - Campo

**b** – Campo. Adeganha. Torre de Moncorvo.

c - x=660275, y=4571095, z=150, CMP 118;

**d** – Romano. Casal agrícola?

e – O sítio encontra-se na margem esquerda da ribeira da Vilariça numa plataforma intermédia entre o fundo aluvionar do vale e as elevações bastante abruptas que o delimitam para nascente, acima da cota máxima de cheia da ribeira. A mancha de dispersão de materiais ocupa um olival, situado nas traseiras de uma casa de habitação, construída recentemente. O substrato é granítico.

**f** – Mancha de dispersão de materiais espacialmente pouco significativa (c. de 3850 m²), constituída por materiais de construção cerâmica romana e alguma telha de meia cana.

h – Segundo a proprietária do terreno, terá existido anteriormente no local um antigo forno de cozer telha, destruído há alguns anos atrás, o que poderá explicar a presença de telha de meia cana à superficie.

i – Inédito

À luz destes novos dados, o sítio do Chão da Capela deverá ser classificado como santuário cristão da Alta Idade Média, com necrópole associada. Este santuário poderá sobrepor-se a uma necrópole romana, relacionada com o aglomerado rural do Frei-xo e/ou com o casal agrícola de Campo.

Estela funerária talhada num bloco de granito de grão médio, em jeito de grande placa rectangular sobre o alto. A regularização da base da estela é mais grosseira que aquela das restantes partes. O campo epigráfico, bastante danificado, o que muito prejudica uma leitura assertiva, encontra-se rebaixado, aparentemente limitado por moldura de gola reversa.<sup>4</sup>

Dimensões: 80 x 49 x 25. Campo epigráfico: 54 x 37.

D[?] · MAE/CIA · PELLI / F(ilia) · AN(norum) · LXX (septuaginta) / H(ic) · S(ita) · S(it) · T(ibi) · T(erra) · L(evis)

D(?). Aqui jaz Mécia, filha de Pélio, de 70 anos. Que a terra te seja leve.

Altura das letras: l. 1 a 4: 6,5/7. Espaços: 1: 1,5; 2 a 4: 3,5; 5: 14.

Paginação em caixa, com alinhamento à esquerda e à direita. A terminação dos vértices das letras com breves traços horizontais parece denunciar, inclusive, a presença de linhas auxiliares prévias à gravação. Pontuação redonda e pouco profunda. A distância que separa a fórmula final do limite inferior do campo epigráfico permitiria acrescentar, pelo menos, mais uma linha ao texto; contudo, não há vestígios de mais caracteres, o que indicia a opção do *ordinator* de situar a epígrafe na parte superior do campo epigráfico, pois se supõe que a leitura seria feita a partir de um ângulo superior àquele a que a estela seria colocada.

Os caracteres foram gravados com alguma rudeza, utilizando-se a goiva. Uma escrita do tipo monumental quadrado, mor-

<sup>&</sup>lt;sup>4</sup> As fotografias desta e das demais epígrafes do conjunto não foram tiradas em condições ideais, de modo que também isso não contribui para resolver dúvidas que a leitura apresenta. Em todo o caso, preferimos dar a conhecer, desde já, o resultado da nossa primeira abordagem no âmbito do projecto em que estivemos envolvidos, na expectativa de que venham a ser feitas diligências no sentido de um estudo mais eficaz.

mente na primeira linha, mais actuária nas restantes. Veja-se o M bastante largo, o A sem travessão.

À circunstância de se não lograr identificar bem a letra inicial (D? C? L?) acresce a inusitada colocação de uma aparente sigla, quando esperaríamos uma consagração aos deuses Manes. Optando-se por L, ainda que muito mal desenhado, poderíamos pensar na sigla de *locum*, no sentido de «sepultura»; nesse caso, porém, postular-se-ia um genitivo, que não se verifica aqui. D(*iis*), subentendo-se o resto da fórmula consecratória, também se nos afigura estranho de mais.

Em relação à identificação da defunta só o C poderia levantar dúvidas, por não estar já muito claro; contudo, o rasgo superior faz-nos preferir essa leitura a *Maelia*, que também seria possível e detém, na verdade, mais testemunhos, enquanto que o antropónimo *Maecius* se tem registado como *nomen* e não como nome único. Sabemos, porém, não ser raro os indígenas adoptarem nomes latinos, inclusive gentilícios. Vem de seguida o patronímico, *Pellius*, de que se documentam outros testemunhos peninsulares, não sendo possível determinar – como muito bem frisa Abascal (p. 453) – se este genitivo corresponde a um nominativo *Pellius ou Pellus*.

Como parece ser típico da oficina onde esta e as restantes epígrafes foram preparadas, há omissão da forma verbal E(st) na fórmula final.

Atendendo ao modo de identificação da defunta e à simplicidade do texto sugere-se uma datação do séc. I d. C. para esta epígrafe.

<sup>&</sup>lt;sup>5</sup> Dez testemunhos na Península Ibérica (ABASCAL PALAZÓN, Juan Manuel, *Los Nombres Personales en las Inscripciones Latinas de Hispania*, Múrcia, 1994, p. 178).

 $<sup>^6\,</sup>$  Vejam-se exemplos em CIL II p. 1200: «nomina vel praenomina pro cognomina usurpata».



496

Fragmento inferior de estela funerária talhada num bloco de granito de grão fino. O campo epigráfico encontra-se rebaixado.

```
Dimensões: (35) x 30 x 16.
Campo epigráfico: (14) x (22).
```

```
[...] H(ic) \cdot S(itus, a) \cdot S(it) T(ibi) \cdot T(erra) \cdot [L(evis)] / SAINI [?] [F(aciendum) \cdot C(uravit)] [?]
```

Aqui jaz (...). Que a terra te seja leve. Saini [?] [mandou fazer] [?].

Altura das letras: 1. 1 a 1. 2: 7. Espaços: 1: ?; 2: 1; 3: 1.

A pequena distância que separa o texto dos limites do campo demonstra haver uma boa gestão do espaço paginável por parte do *ordinator*. A pontuação é redonda e pouco profunda. Os caracteres foram gravados com alguma rudeza, mediante o uso de goiva, em escrita actuária: H e S muito simétricos; já o T e o L indiciam cuidado menor, dando mesmo a sensação de que os traços que assinalavam o vértice inferior estão ligeiramente desgarrados deles; pouco perceptível a barra superior do T.

O texto, distribuído por duas linhas, está reduzido à fórmula final e à identificação do dedicante. No que a este diz respeito, a leitura que se apresenta não é de todo convincente, não apenas por se desconhecer antropónimo assim grafado como por o I final ser a terminação habitual de um genitivo. Assim, preferiríamos ver no traço seguinte a haste de um eventual A, subentendendo-se assim a fórmula final que, mesmo em siglas, poderia não ter ali espaço bastante para a sua inclusão. *Sainia*, caso seja mesmo A a 2ª letra, poderia levar-nos a pensar em *Sabinia*, inusitado, porém, como nome único, a não ser que faltassem duas letras: *Sabiniana*. Dir-se-á, em todo o caso, que INI não oferece qualquer dúvida; as eventuais duas letras precedentes é que são de mui problemática decifração e, quando atrás se propunha *Sabinia*, é porque, com determinados efeitos de luz, parece poder ler-se B, ainda que inclinado para diante.

A paleografia – único critério a que podemos, aqui, lançar mão – induz-nos a datar a epígrafe do século I d. C.





Fragmento (parte inferior) de estela funerária romana, talhada num bloco de granito de grão fino. O campo epigráfico encontra-se ligeiramente rebaixado. A base da estela apresenta marcas de cinzel oblíquas. A regularização da superficie é bastante acentuada.

Dimensões: (43) x 42 x 22. Campo epigráfico: (31) x 36.

[...] VS · C · ET · I [?] [...] / [...] · PC S(it) [?] · T(ibi) [?] · T(erra) [?] / [L(evis)] [?] · M · A N ·

Altura das letras: l. 1 e 2: 5; l. 3: 4. Espaços: 1: ?; 2: e 3: 4; 4: 9.

O texto está reduzido às três últimas linhas. A pontuação é redonda e profunda. Os caracteres foram gravados com traço fino e fundo em escrita actuária, embora a grafia pareça não ser uniforme. O S da primeira linha é bastante aberto; o E de barras bem paralelas e curtas; o eventual C da l. 2 bastante anguloso; o M e o N da última linha estão nitidamente inclinados para trás.

Compreende-se que o carácter anómalo do que nos resta da epígrafe desaconselhe qualquer hipótese de sugestão interpretativa, ainda que seja sedutor ver nas siglas finais da l. 2 a habitual fórmula funerária. A sequência AN também levaria a pensar em AN(norum), com um eventual outro N de permeio, mas...

Fica, pois, o registo do monumento, sem que algo mais de novo nos possa trazer.

Estela funerária talhada num bloco de granito de grão médio, cuja superfície se encontra bastante erodida. O campo epigráfico, ligeiramente rebaixado, ocupa a metade superior da estela, sendo "suportado" por um arco esculpido em falso relevo. Não se distinguem diferenças de tratamento da superfície entre a base e o resto do corpo.

Dimensões: 80 x 39 x 15. Campo epigráfico: 37 x 26.

D(is) M(a)N(ibus) [?] / CILA N [...]/ONI [ANN(orum)] [?] / LX (sexaginta) H(ic) [S(ita) S(it)] [?] / T(ibi) T(erra) L(evis)

Aos deuses Manes. Aqui jaz Cila N(?), de 60 anos. Que a terra te seja leve.

Não é possível precisar a altura das letras e dos espaços interlineares, porque só se consegue fazer a leitura da epígrafe através da fotografia.

O texto está distribuído por quatro linhas, alinhadas à esquerda. Os caracteres foram gravados com alguma rudeza, em escrita actuária. O espaço disponível dentro do campo epigráfico foi bem aproveitado. A inclinação das linhas da esquerda para a direita em relação aos limites do campo epigráfico sugere que o lapicida não tenha usado linhas auxiliares para orientar a gravação do texto.

É hipotética a reconstituição – e desta forma – da consagração aos *Manes* na l. 1.

Afigura-se-nos possível identificar *Cila* como sendo o nome da defunta, a que se seguiria curtíssimo patronímico se se confirmar eventual genitivo terminado em *-oni* na linha seguinte. Não ousamos, contudo, fazer qualquer proposta nesse sentido. Afigura-se-nos claro que LX será a indicação da idade, pelo que terá de ser precedida, na linha anterior por *annorum*, de que, porém, nada se distingue, pelo que são, naturalmente, aceitáveis várias hipóteses: A(*nnorum*), AN(*norum*), ANN(*orum*)... tendo-nos até, a determinado momento, surgido a hipótese de a palavra estar por extenso ANNORVM.

Cila – caso seja esse o antropónimo aqui registado – enquadrase num radical assaz comum na onomástica pré-romana (Cilea, Cilia, Cilo...). Abascal (p. 327) dá conta de dois testemunhos apenas: um identificado no solar do Grande Hotel de Cartagena, mas que cedo levou descaminho (HAE 61); o outro, de Palma de Maiorca (CIL II 5988). Contudo, apesar de citado por diversas vezes por José María Vallejo, que refere *Cilai* como seu genitivo, a circunstância de os dois testemunhos até agora identificados se situarem numa área plenamente mediterrânica, leva-nos a pôr em dúvida a sua etimologia prevalentemente pré-romana, o que não invalida que, sendo latino, não esteja a ser utilizado aqui em contexto indígena.

Tal como as epígrafes anteriores, situamo-la no mesmo horizonte cronológico: o século I d. C.



499

<sup>&</sup>lt;sup>7</sup> Vallejo Ruiz (José María), *Antroponimia Indígena de la Lusitania Romana*, Vitoria-Gasteiz, 2005, *passim*.

Fragmento de estela funerária romana, talhada num bloco de granito de grão fino. A regularização da superfície da epígrafe é tosca.

```
Dimensões: (44) x (34) x 12.
Campo epigráfico: (29) x (24).
```

 $[...] / I(?)SSI / VISI / [...] H V \cdot V / [...]$ 

Altura das letras: 5. Espaços: 1: 5; 2 a 4: 1; 5: ?

Os caracteres foram gravados com traço fino e fundo em escrita actuária e estão alinhados, pelo menos, à direita. A pontuação é redonda e pouco profunda. A inclinação das duas primeiras linhas da direita para a esquerda em relação aos limites do campo epigráfico sugere que o lapicida não tenha usado linhas auxiliares para orientar a gravação.

Os elementos constantes não são de molde a proporcionar uma hipótese interpretativa minimamente válida. Terão existido linhas epigrafadas antes do que ora se vê; mas tudo desapareceu; no entanto, na zona inferior da estela há vestígios de indefinidos caracteres, a dar ideia de que a epígrafe continuaria, como é natural

Seria tentador vem no conjunto SSI parte de um superlativo normal em textos funerários: *piissimo, pientissimo;* acontece, porém, que a letra anterior, a ser I, apresenta um traço oblíquo no vértice inferior, para trás, cujo significado (se é original) se desconhece e põe em dúvida a leitura. Na última linha de letras visíveis, os dois VV, separados por um ponto a meio, parecemnos de aceitar; e, antes deles, pode ter sido gravado H.

Não arriscamos interpretação nem, sequer, atribuição de uma cronologia.

António José Marques da Silva



500